

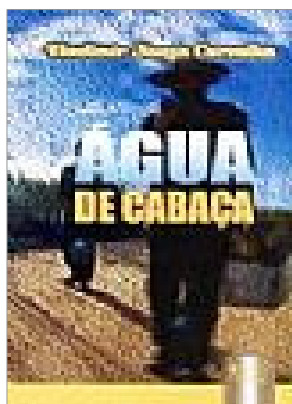
RESUMO DE ÁGUA DE CABAÇA – VLADIMIR SOUZA CARVALHO LEITURA OBRIGATÓRIA PSS 2 – UFS – PROF. WAGNER LEMOS

*"A Literatura, como toda a arte,
é uma confissão de que a vida não basta!"*
Fernando Pessoa

Água de Cabaça

Vladimir Souza Carvalho

Primeiramente é interessante ressaltar que o termo "romance" que alguns alunos têm utilizado para fazer referência à obra "Água de Cabaça" está completamente equivocado. O livro de autoria de



Vladimir Souza Carvalho é uma coletânea de contos. Podemos aplicar aos contos de uma divisão de ordem prática, os de caráter fantástico, isto é, os que têm um ponto de sobrenatural (Retorno, Encontro, O Retrato, Plenitude etc) e aqueles que possuem muito do que o sociólogo francês Maurice Halbwachs (1977-1945) chamava de memória

coletiva, esse termo criado Halbwachs, distingue-se da memória individual, uma vez que é a designação para memória partilhada, transmitida e também construída por grupo ou sociedade. Muitas dessas histórias do 'Água de Cabaça' são contadas e recontadas ainda hoje em Itabaiana e região por alguns cidadãos (Praça, Quadro da Falecida, entre outras). Isso em nada diminui a importância do Vladimir de Souza, muito pelo contrário, assim como fez Goethe com Fausto, Vladimir mostra a sua capacidade e maestria de ser o transmissor para o papel da tradição de sua gente.

Conceito de Conto

O conto é a forma narrativa, em prosa, de menor extensão (no sentido estrito de tamanho), ainda que contenha os mesmos componentes do romance. Entre suas principais características, estão a concisão, a precisão, a densidade, a unidade de efeito ou impressão total – da qual falava Poe (1809-1849) e Tchekov (1860-1904): o conto precisa causar um efeito singular no leitor; muita excitação e emotividade. Podemos imaginar – precariamente,

diga-se – várias fases do conto. Tais fases nada têm a ver com aquelas estudadas por Vladimir Propp no livro A morfologia do conto maravilhoso, no qual, para descrever o conto, Propp o desmonta e o classifica em unidades estruturais – constantes, variantes, sistemas, fontes, funções, assuntos etc. Além disso, ele fala de uma primeira fase (religiosa) e uma segunda fase (da história do conto). Aqui, quando falamos em fases, temos a intenção de apenas darmos um passeio pela linha evolutiva do gênero. (Fonte Wikipedia – Enciclopédia Livre – wikipedia.org)

MANUAL DO CONTISTA -Joseh Pereira, 1977 - Faculdade de Letras

Gênero Literário: CONTO

Estrutura Básica do Conto:

1. PRÓLOGO:

1.1 - Antes do Enredo, Opcional

2. ENREDO (Propriamente Dito):

2.1 - Causas:

2.1.1 - Início Dramático

2.2 - Desarranjos:

2.1.2 - Desenvolvimento ou Curso Dramático

2.3 - Acomodação Final

3. EPÍLOGO:

3.1 - Após o Enredo, Opcional

Esquema Analítico do Conto:

1. A Palavra

A) Sentido: caso, relato, narrativa, com a função de enumerar fatos ou detalhes, vinculando vários episódios que compõem uma intriga, i.é, uma situação dramática, conflituosa.

B) "Conto: cadeia de detalhes, com desenlace dramático, caso".

2. Histórico

A) Tipicamente literário, talvez, em Caim e Abel, o primeiro exemplar de conto, milhares de anos a.C., tendendo, às vezes, em suas vicissitudes históricas, à crônica e ao poema em prosa.

B) "Conto: já esteve próximo da crônica e do poema em prosa".

3. Conceito e Estrutura:

RESUMO DE ÁGUA DE CABACA – VLADIMIR SOUZA CARVALHO LEITURA OBRIGATÓRIA PSS 2 – UFS – PROF. WAGNER LEMOS

A) Conto, matriz da novela e do romance, apenas do prisma histórico e essencial: não são reversíveis, de uma a outra forma narrativa.

B) "Conto, matriz da novela e do romance, mas, conto é conto, novela é novela e romance é romance".

3.1 - Unidades (Dramáticas) de:

3.1.1 - Ação

A) Enredo [atos, ações, acontecimentos], no conto, circunscrito [rejeita digressões e extrapolações]: célula dramática.

B) "O enredo, no conto, rejeita qualquer digressão ou extrapolação".

3.1.2 - Espaço

A) Espaço: restrito, palco estreito em que ocorre a ação dramática [sem nenhum ou grandes deslocamentos, prejudiciais à intensidade dramática].

B) "Deslocamentos espaciais quebram a intensidade dramática".

3.1.3 - Tempo

A) Tempo: curto, breve e limitado, enquanto dura ou prepara a ação [passado e futuro, sinteticamente].

B) "Tempo: o suficiente para 'situar' o drama; sem passado nem futuro".

3.1.4 - Tom

A) No conto, tom: harmonia estrutural entre as partes da narrativa, por sua unidade de objetivo rumo à unidade de impressão.

B) "Do arranjo estrutural, a unidade de objetivo rumo à unidade de impressão".

3.2 - Personagem

A) Por exigência das unidades de ação, tempo, espaço e tom: número reduzido de personagens, tendentes à forma plana e estática, sem maior complexidade de caráter e pouca flexibilidade evolutiva.

B) "Poucas personagens, de caráter simples e pouco evolutivo".

3.3 - Estrutura

A) Estruturalmente [o conto]: objetivo, horizontal; breve história que é, nele as palavras não de ser suficientes e necessárias; dado imaginativo subposto a dado observado; donde o realismo, a verossimilhança com a vida.

B) "Breve história: as palavras não de ser suficientes e necessárias, não mais nem menos, com dado imaginativo sub-posto e verossímil".

3.4 - Linguagem:

A) Objetiva, admitidas metáforas de curto espectro, a linguagem, no conto: despida de abstração, solenidade e esoterismo [antes da intenção, a ação; da prolixidade, a concisão].

B) "Quando metáforas, de fácil alcance; linguagem sem qualquer abstração, solenidade e esoterismo".

3.4.1 - Diálogo Direto

A) Base expressiva do conto, o diálogo; primeiro, o diálogo direto: fala direta das personagens, representada, na escrita, por travessão ou aspas [predominante, no conto].

B) "Dos diálogos, base expressiva do conto, preferir o direto, com uso equilibrado possível do indireto, indireto livre e interior".

3.4.2 - Diálogo Indireto

A) Diálogo indireto: resumo, em forma narrativa, da fala das personagens [secundário; quando não vale a pena a transcrição direta].

3.4.3 - Diálogo Indireto Livre

A) Diálogo indireto livre: discreta inserção, no discurso indireto, da fala ou fragmentos da personagem [pouco freqüente, no conto].

3.4.4 - Diálogo Interior ou Monólogo

A) Diálogo interior [monólogo]: fala da personagem consigo mesma [estruturalmente perfeito, no conto; raro, formal, complexo].

3.4.5 - Narração

A) Narração [quase ausente, no conto]: relata acontecimentos ou fatos [a ação, o movimento e o transcorrer do tempo].

B) "No conto: Narração, nas sínteses; descrição, ligeira, s/retrato acabado e dissertação, discretíssima".

3.4.6 - Descrição

A) Sem a preocupação, no conto, com o retrato acabado, a descrição caracteriza, tipifica um objeto ou personagem, em sua imobilidade no tempo e no espaço [ligeiramente].

3.4.7 - Dissertação

A) Como 'exposição de idéias e pensamentos' no conto a dissertação, apenas em doses homeopáticas, ou implícitas e fundidas nos demais recursos de linguagem.

RESUMO DE ÁGUA DE CABACA – VLADIMIR SOUZA CARVALHO LEITURA OBRIGATÓRIA PSS 2 – UFS – PROF. WAGNER LEMOS

3.5 - Trama ou Enredo

A) Trama [intriga, enredo]: ritmo linear, objetivo e natural da sucessão de fatos, carregado [ou carregando-se, pouco a pouco] de um enigma, mistério ou nó dramático; jogo narrativo ou fio condutor rumo ao desenlace do enigma, à precipitação do clímax dramático, com a surpresa ante à 'novidade' desentranhada, a semente de meditação e o pasmo.

B) "Dirigir a trama rumo a um clímax, donde a surpresa pela 'novidade' desentranhada, a semente de meditação e o pasmo".

3.6 - Pontos de Vista ou Focos Narrativos

A) Focos narrativos:

1o.) ESCRITOR/NARRADOR ONISCIENTE

[narrador "vê" e "sabe" tudo; distância escritor-narrador diminuída ao extremo, quase uma fusão, enquanto a distância narrador-história, aumentada ao extremo].

2o.) PRIMEIRA PESSOA NARRATIVA

[horizonte narrativo limitado pela unilateralidade da visão, compensado com a verossimilhança e intensidade dramática maiores]:

a) Personagem Central [distância máxima do escritor; a protagonista narra sua história, reportando-se às demais personagens na medida de sua participação];

b) Personagem Secundária [fora do núcleo dramático; menor a distância ao autor e maior em relação ao leitor, a personagem narra uma história da qual é figurante];

c) Narrador Observador ou Testemunha [mais perto do autor e mais longe do leitor, e também da história, a testemunha narra como simples espectador]; narrador ingênuo: quando não compreende claramente o que presencia.

3o.) TERCEIRA PESSOA NARRATIVA

[bem próxima da onisciência, uma espécie de disfarce do autor; este, sem a exclusão do privilégio de enquadrar a história em sua óptica pessoal, delega-lhe poderes para narrar]: é Protagonista, Personagem Secundária ou Observador.

B) "Dos focos narrativos, de cada um, há vantagens e desvantagens; e a narração é mais direta, 'viva' e 'presente' quanto menor a distância psicológica entre narrador e história narrada, o contrário, ganha em detalhes, perdendo em intensidade".

3.7 - Presentividade

A) A primeira pessoa ajuda a unidade da narrativa, concentra seus efeitos, torna mais plausíveis e 'presentes' os fatos narrados, mesmo com os verbos no pretérito [presentividade: um requisito essencial à realização do conto].

3.8 - Tipos de Conto:

A) Prevalência de um ou outro componente, em um e outro conto: tipos de conto.

B) "Dos tipos de conto, há os mais nítidos, outros, mesclados; mais freqüentes, os de idéias".

3.8.1 - De Ação

A) Menos importante, porém, mais freqüente, destinado ao gozo lúdico e de fuga, e tendo como exemplos os contos policiais e de mistérios, conto de ação: narrativa para entreter e divertir, dentro de sua escala aventuresca e fantástica.

3.8.2 - De Personagem

A) Sendo o conto narrativa de pouco espaço à descrição, conto de personagem, centrado no caráter 'vivo' da personagem, é menos comum [Ex.: "Feliz Aniversário", Clarice Lispector].

3.8.3 - De Ambiente ou Atmosfera

A) Conto de cenário ou atmosfera: tônica dramática transferida ao cenário; ambiente, quase herói do conto [raro].

3.8.4 - De Idéia

A) Sem a intenção doutrinária de um panfleto, o 'conteúdo ideológico' do conto de idéia emerge, sempre identificado com a ação e personagens, às vezes convertidas em símbolos, por sua função de expressar tal conteúdo [é freqüente, importante].

3.8.5 - De Emoção

A) Mesclado, às vezes, ao de idéia, outras vezes ao de cenário, conto de emoção: apropriado à comunicação de climas de mistério ou de medo, tudo, na narrativa, objetiva um efeito emocional profundo, resistente, mesmo, ao exame racional.

3.9 - Começo e Epílogo

A) Começo ["canto da sereia", síntese dramática, chama que atrai e seduz], mais exigente que o epílogo do conto [clímax da história, em geral, enigmático, surpreendente, imprevisível, abruptamente revelado], com raízes no começo, próximo, no conto, do fim

RESUMO DE ÁGUA DE CABACA – VLADIMIR SOUZA CARVALHO

LEITURA OBRIGATÓRIA PSS 2 – UFS – PROF. WAGNER LEMOS

[contos há sem final enigmático: enigma diluído ao longo da narrativa].

B) "O sucesso do conto está mais em seu 'canto da sereia' inicial que em seu epílogo".

4. Conto, a Poesia e o Teatro

A) Tensão poética do conto: Na sensibilidade e imaginação de contista e leitor de conto; parentesco com o teatro: privilegiam o diálogo, encenam dramas, com personagens que palpitam e vibram diretamente com o público, em espaço e tempo limitados.

B) "No conto: Sensibilidade e imaginação poéticas, com personagens que palpitam e vibram teatralmente".

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- Créditos:

"A Criação Literária" - Massaud Moisés
Melhoramentos / USP - São Paulo, 1975

"Dicionário de Termos Literários" - Massaud Moisés
Cultrix / USP - São Paulo, 1974

Síntese dos contos

Prof. Wagner Lemos

O Retorno

Temos nessa história narrada em terceira pessoa a especulação de um retorno de Jesus Cristo à terra e em nossa época. "Jesus voltou" é a notícia que vai se espalhar numa cidade do interior, depois que um pregador vestido com uma calça jeans, barba rala e camiseta de propaganda declara seu nome: "Jesus". Ele que vivia dos atos de caridosos da comunidade constantemente debaixo de um cajueiro, chamará atenção não só dos mais simples como das ditas "autoridades". Essas irão prendê-lo sob o argumento de "averiguação", pois o padre da paróquia vizinha se sente incomodado com a presença desse diferente pregador e incita o delegado a fazer isso. A descrição de Vladimir faz-nos também associar a imagem de "profeta" de nossos dias à figura de Antonio Conselheiro.

Ao sair da delegacia, Jesus será cercado pela multidão. Um grupo de rapazes vai tentar humilhá-lo, querem saber se ele aceita bebida, cigarro, mulher ou mesmo homem, esfregam-se nele, querem transformar o pregador no escárnio popular. Um relâmpago que ninguém viu cortou o céu, Jesus empurra os rapazes que lhe impedem o caminho e se dirige ao açude e rapidamente vai embora... sobre as águas.

Piedade

Um 'coronel' de interior que se impôs na região por meio da violência e vive sob a tensão do medo de ser pego em emboscada. Sua vida é marcada pelas mortes que causou para crescer na vida: posse de terras, compra de terras de viúvas desamparadas, entre outras coisas... suas mãos estão sujas do sangue de muita gente, é repudiado no lugar. No entanto, como forma de uma triste ironia, ao visitar a casa de um seu empregado, a esposa deste lhe oferece para preparar comida, dizendo que providenciaria a morte de uma galinha. E a surpresa vem quando o impiedoso assassino/mandante diz para que ela não se dê ao trabalho de ser cruel matando o pobre bicho, nada de puxar o pescoço da galinha, ela se contenta com ovo frito, afinal a galinha era bicho inocente e 'nada de mal tinha feito'.

Capricha no pastel, Aparício

Narrativa em terceira pessoa, "Capricha no pastel, Aparício" se baseia nas reminiscências de Aparício ao voltar a terra natal depois de mais quarenta anos. Busca tão logo chega encontrar coisas e pessoas de seu tempo. Intimamente quer ser reconhecido como natural daquele lugarzinho. Tenta mostrar a carteira de identidade ao recepcionista do hotel, em vão. Vai em busca do seu passado na cidadezinha que em nada se parece com o que fora em sua época de menino, começa a lembrar o tempo em que vendia pastéis e lutava pela vida. Recordará com carinho de quatro velhinhos que compravam seus pasteis brincavam com ele e o protegiam. Aparício menino via neles um pouco de avós.

Areia no prato

A bem humorada história de um homem interiorano que "não perdoa" mulher alguma. Vindo a cunhada cuidar da irmã no período do resguardo pós-parto, o nosso protagonista enrabichou-se por ela e pouco tempo depois... a cunhada estava grávida... reviravolta na família! Ao nascer a criança, mais uma mulher da família vem cuidar da "parida": a sogra, a qual também não foi "perdoada"... e logo, logo estava grávida também... o sogro, a cunhada e a ex-mulher passam a detestá-lo ainda mais... no final, para desgosto de nosso narrador-protagonista nenhuma mulher da família foi liberada para tomar conta da sogra (atual mulher)... e ele teria que se contentar com o que lhe restara.



RESUMO DE ÁGUA DE CABACA – VLADIMIR SOUZA CARVALHO

LEITURA OBRIGATÓRIA PSS 2 – UFS – PROF. WAGNER LEMOS

Pés atados

O fascínio entre professor e aluna se manifesta nessa curta história de Vladimir Souza. Ele a encantava com suas histórias e dela sentia falta nas férias fascinado que era com sua beleza singular, ela, que era chamada de princesa por ele, fixava os olhos naquele que tendo o dom da palavra enchia-a de devaneios. Havia entre eles abismos de idade e posição social. Ele sentia ciúmes dela ao pensar na possibilidade de 'sua princesa' arrumar um príncipe e, logo, trocasse a companhia do professor pela do rapaz. Em seu ciúme, temeroso da resposta, perguntava:

'Princesa, cadê o príncipe?' e ela sempre respondendo que não havia ninguém para alívio do sonhador mestre. Até que uma oportunidade de nova pergunta e diante da nova negativa da moça, o professor confessa:

- Se eu não estivesse de pés atados, seria seu príncipe.

Tendo o professor lançado tal declaração, os dois ficaram mudos, sem saber o que falar: Ele querendo que ela abrisse espaço para que ele continuasse a confissão, ela, por sua vez desejosa que voltasse a tocar no assunto... mas nunca mais falaram nisso.

A Boneca

Sargento Ozinando, homem violento, impiedoso, capataz, pau mandado do poderoso deputado Euletério. Não podia ver mulher, que se desejasse coagia se preciso fosse para tê-la, não importava se era casada ou moça virgem, se ele queria, teria – a qualquer custo.

Uma frustração, porém, acompanha o cruel Ozinando é infértil. Nunca teria filhos. Esse era seu segredo.

Incumbido de uma missão de "caráter político": acertar contas com Nilo das Candeias que teve a ousadia de votar contra o deputado Euletério e ainda mais com deslante de contar na bodega a insubmissão. Numa Kombi Ozinando vai com capangas (soldados) para pegar Nilo. Chega à casa do adversário, este não está em casa.

Na frente da casa, só a filha de Nilo brincando de bonecas. A menina responde que o pai não está e não dá maior importância à presença estranha, trata com simplicidade... apresenta as bonecas ao Sargento Ozinando, que está desconcertado com as atitudes da menina, por exemplo a de lhe dar ordens:

- Me passe essa boneca aí!

E ele obedece.

Ela lhe pergunta qual a mais bonita, isto ou aquilo... ele responde como que enfeitado. Os soldados o

observam. Ele continua a conversar e obedecer a menina. Os soldados o observam. Ozinando nota que está sendo visto e volta a si. Soldados confusos. Ozinando entra na Kombi e os soldados o seguem para irem embora dali, estes não entendem o que aconteceu. Muito menos Ozinando, mas o narrador deixa transparecer que a frustração de Ozinando se transformou em encantamento pela criança do outro, uma vez que ele nunca poderia ser pai. Isso o impediu de prosseguir com os planos de violência, pois ele perdeu esse instinto ao ficar confuso invejando Nilo.

Plenitude

Temos no conto Plenitude uma narrativa em primeira pessoa e nele podemos perceber a influência machadiana. O narrador está morto (assim como o Brás de Memórias Póstumas), neste caso não retomará sua vida por inteiro como o fez Cubas, mas apenas seu velório e seu enterro. Descreva a situação geral do ponto de vista de quem nada pode fazer devido à morte e nos leva com uma visão bem humorada a pensarmos sobre a morte. O terno de uma cor que o incomoda, as histórias sobre futebol que o filho conta à porta da casa, o desleixo geral com a vontade que teria o morto fazem dessa narrativa uma nova forma de ver a morte. A descrição segue até o fechamento da gaveta no cemitério, quando sozinho e deixado de uma vez por todas nosso defunto-narrador se declara "enfim, morto".

Primeiro diálogo

Um telefonema depois de décadas. É assim que começa um diálogo inusitado. Uma senhora de mais de 60 anos telefonema primeiro e deixa um recado, recebe retorno. Um homem que conta hoje com mais de 80 anos lhe telefona em resposta. Conheceram-se na juventude em Macambira, ele não se lembra mais dela, faz esforço e só depois de ouvir o nome do pai sabe quem é ela. A bela filha de Gardiano do Vapor, Laurinda, ela também o olhava, mas como os tempos eram outros não podia manifestar. Ele tinha ido para lá depois de ficar órfão. E de lá se foi sem nada dizer – foi arriscar-se na vida para crescer. Hoje em dia, ambos viúvos, ele morando longe no sudeste do país, ela ainda em Macambira. Ela afirma que não tem interesse em casamento, tinha conseguido o número com uma parenta dele, só quer conversar, nada mais. Relembra os velhos tempos, mas o assunto se esgota... despedem-se, ela reafirma que ele pode voltar a ligar a cobrar, se quiser. Pensa em voz alta que depois de tanto tempo e de tanto se olharem era a primeira vez que conversavam'.

RESUMO DE ÁGUA DE CABACA – VLADIMIR SOUZA CARVALHO LEITURA OBRIGATÓRIA PSS 2 – UFS – PROF. WAGNER LEMOS

Sonho

História que envolve triângulo amoroso, magoa entre mãe e filha e desejos não realizados. A filha recebeu uma carta em que desvendava uma história diante de si, sua mãe e seu marido eram apaixonados desde antes de seu casamento. Seu pai dono de farmácia recebeu a visita de um representante comercial que se encantou com a beleza da esposa do comprador de seus produtos. De tudo o vendedor fazia para ficar perto da mulher desejada. Como foi ineficaz. Pediu e conseguiu a mão da menina de 16 anos, filha do dono da farmácia e que por demais se parecia com a mãe. Ficar perto da sogra era seu desejo. Depois dessa descoberta, a vida dela passou a não ser mais a mesma. Tristeza tomou-lhe conta, o sexo rareou, o marido não fazia tanta questão dela assim, na verdade, quando a beijava queria estar ligado à boca daquela que o atraía desde o início, mas lhe era impossível. A magoa entre a mãe e filha cresceu.

O farmacêutico morreu, o genro assumiu seu lugar na farmácia, mas não na cama da sogra. Subitamente, o genro morre enquanto passava um troco. Acidade toda quer ver esse velório: todos sabiam da história que envolvia genro e sogra, queriam todos ver atitude da sogra diante do corpo, queriam saber se ela se desesperaria de ver 'seu amor morto'. Mas ela manteve a dignidade. Mãe e filha passaram a morar juntas, mas ainda havia um abismo entre elas. Agora morre-lhe a mãe, vela-se o corpo, encaminham-se para o cemitério para o sepultamento. Mas lá o inesperado: o caixão não entra na sepultura que era do farmacêutico. Tamanhos diferentes.

Constrangimento. A filha querendo se livrar daquela situação. Alguém tem uma idéia: colocar féretro na sepultura do genro, assim caberia. Mais uns minutos e tudo estaria resolvido. Assim se procede. Caixão dela colocado na sepultura dele. A filha que até então permanecera em silêncio, quem estava perto pôde ouvir sua declaração:

- Agora estão juntos para sempre.

Revelação

Temos nesse conto as visões de Belarmino e as conseqüências que isso teve. O corpo começou a fraquejar. Cai, rala-se, vê animais passando em galopada, vê água de açude ficar vermelha como sangue, lança-se no chão para se proteger. Luta contra si mesmo e as visões que tem. Aparece-lhe dor de cabeça. Tenta ir para casa. Sente-se como se estivesse bêbado. Chega a sua casa. Despenca no chão, "desmanchando-se como jenipapo maduro", no

outro dia, acordará dizendo que tinha visto coisas estranhas, mas ninguém há de crer.

Herança

Nasceu e, por conveniência de seu pai, ficou com o nome do irmão dois anos mais velho, já falecido: Atenaldo da Silva de Jesus. Sua vida será marcada pela infelicidade.

A mãe que tinha partos (doloridos) um atrás do outro, não resiste a vida que levava. Como a professora Dona Firmiana lhe vai dizer, sua mãe tinha sido levada pelo Criador. Como o eufemismo não funcionou, ela foi textual: - Sua mãe morreu.

Logo o pai arruma outra e continua a fazer filhos. Atenaldo era apenas mais um. Detalhe: com nome de outro. Ademais não sabia lidar com serviços de sítio. Na vida rural era um inútil. O pai vendo isso, despacha-o para Itabaiana para morar com a tia Esmeralda. Esta o recebe com carinho, ele tenta dar-lhe orgulho, mas termina pulando de função em função sem ter êxito em nada. Lança por fim mão de sua força física e fama de valente, acreditando que será feito polícia. Eis sua cartada final para dar orgulho a tia que iria vê-lo vestido de soldado. Não passa nos testes.

Isso só agrava sua situação, tendo em vista que passaria a perambular na cidade sem ocupação. Mete-se em encrenca, vai às vias de fato com outro do mesmo tipo dele: prisão.

Um dia será levado à presença do prefeito Hermengado Patrício de Anunciação. A autoridade lhe fará uma proposta: matar Jonas Sapateiro um seu desafeto em troca de proteção e duzentos contos. Atenaldo comete o crime em local público.

Foi preso, interrogado, respondeu, sem citar o nome do prefeito, claro, e com freqüência recebe recados do prefeito para que ficasse tranqüilo 'tinha proteção, não iria ficar muito tempo na cadeia etc'. Contudo, algo o desarmou: o prefeito morreu num acidente. Não escapatória, Atenaldo será julgado e condenado através de júri popular pela morte de Jonas Sapateiro, figura querida da localidade.

Ao narrar esta história, Atenaldo já está preso há quinze anos, mas não se importa com a prisão, importa-se em amaldiçoar a herança que recebeu do irmão: nome, registro e azar.

A Praça

"_ Entra! Muro não é lugar para moça direita" é o que acompanha Marivalda desde a mocidade. Hoje ela de cabelos brancos contempla a praça. Sempre fora prisioneira em sua própria casa, o pai a repreensão

RESUMO DE ÁGUA DE CABACA – VLADIMIR SOUZA CARVALHO LEITURA OBRIGATÓRIA PSS 2 – UFS – PROF. WAGNER LEMOS

em pessoa, censura-a desde a infância, Marivalda se tornando moça, seios crescendo, formas arredondando e o pai reprimindo a filha. Nunca saindo de casa, Marivalda viveu sem escola, sem amizades. O corpo se avolumou, engordou demais devido à vida sedentária. Também lhe falta carinho de homem, seu corpo pede sexo, mas criada com tanta repressão, não direito o que sente ao certo. Chega a andar nua pela sala... desesperada. Morre a mãe, Marivalda vê movimento em casa, estranhamente gosta do velório: vê gente (note-se o desequilíbrio mental). O pai agora sofrerá com os delírios dela, chama-a de filha safada, amaldiçoa a vida e deseja a morte. Tanto deseja que o destino de todos os homens lhe vem ao encontro. Morto o pai, Marivalda já de cabelos brancos olha a praça, faz mais: vai à praça, imagina-se criança. Anda, brinca na praça, sente-se leve (embora seja gorda), mas na sua imaginação é apenas uma criança de sete anos. As pessoas a olham, crianças a seguem. No olhar das pessoas, ela sente mais uma vez a proibição do pai. E lembra: 'não é lugar para moça direita'.

Não desiste, continua na praça, o pai que se dane: no inferno ou no céu, ele não proíbe mais nada – ela continua na praça.

Jantar

Viúva. Bonita, jovem e desejada. Cortejada por muitos, mas se sente desvalorizada, pois os homens a vêem como objeto sexual. Vêem nela alguém que deve estar há muito sem sexo, precisando aliviar as tensões. Não a respeitam, não a notam como alguém que deseja ser amada, receber atenção. Fez tentativas, mas se frustrou. Ao perceber que era vista dessa forma. Pensa e repensa isso enquanto decide se vai ou não a um jantar. Decide não ir mais, despe-se da roupa, retira a maquiagem. Nesse instante toca o interfone. Atende.

O porteiro avisa: 'Senhor Teobaldo já chegou'. De súbito retorna ao quarto refaz a maquiagem, veste-se de novo. "Pedra que rola não cria limo. Precisava se arriscar". Desceu.

Conexão

Um novo coreto na praça. A grande atração do lugarejo. A cidade fica em polvorosa. Todos querem estar perto do coreto, tirar foto com ele. O padre deseja celebrar missa, o bispo também, o maestro da banda quer tocar lá, enfim todas as atenções se voltam para o 'ilustre cidadão' que o coreto se tornara. Tem até quem passe e diga:

- "Bênção, senhor Coreto".

Mas o coreto possui uma portinhola guardada com todo o cuidado. Por ela entra Zequinha Rosário, resguardado pelas autoridades policiais. A beleza do coreto ainda estaria por se tornar medo, quando Zequinha Rosário fica mudo e cego. Todos temerão o coreto, ninguém mais o fotografa, nem padre nem bispo querem celebrar missa nele, a polícia não mais o vigia, o maestro o esquece, as pessoas se mudam da praça em que fica a construção temida.

Aproveitando a oportunidade de que as forças policiais não vigiam mais a entrada do Zequinha Rosário no coreto, nosso narrador, que viveu essa experiência em seu tempo de criança, entra. Lá dentro máquinas, barulho ensurdecedor, a porta se tranca, o menino se desespera, vê a boca do mudo cheia de baba, suja-se de graxa, grita, debate-se, sente coisas caindo sobre si... sem saber como consegue quebrar a porta e sair todo arranhado daquele lugar infernal. Escapou, mas nunca entendeu direito o que lhe aconteceu:

"A boca do mudo se abrindo naquele som horrífero, a escuridão, as máquinas se desmanchando em cima de mim, a figura de Zequinha Rosário, como se tudo fosse um aviso que até hoje não consegui desvendar".

Quadro da falecida

Novo casamento. Antonio iria casar depois da viuvez e das filhas terem seguido o rumo de suas vidas. Gastos e arrumações na casa para que se pudesse receber a noiva.

Ele achando tudo isso bobagem, mas mesmo assim concordando para aplacar sua solidão e a falta de cuidado feminino em que se encontrava. No meio dessas modificações na casa, chega-se ao quarto. Lá imponente na parede está a foto de Josefa, a falecida. Quadro que Antonio toda a noite olhava com saudade. Quadro em que ele contemplava a beleza de Josefa aos quinze anos. A noiva quer tirar. Discussão. Ele reluta em tirar dali a imagem da primeira esposa. A noiva insiste em afastar as recordações da mulher anterior. Ela se nega mais uma vez e diz que no quarto o quadro não fica.

Ele, tranqüilo, resolve a seu modo:

" – O quadro fica no quarto. E pronto. Quem não fica no quarto, nem na casa, é você, porque casamento não vai haver mais. Acabou. Acabou".

Desejo

Contada em primeira pessoa por um guerrilheiro condenado à morte por fuzilamento por se opor ao regime ditatorial. Perdeu mãe devido aos choques que esta levou, seu pai, além da esposa, perdeu a voz:

RESUMO DE ÁGUA DE CABACA – VLADIMIR SOUZA CARVALHO LEITURA OBRIGATÓRIA PSS 2 – UFS – PROF. WAGNER LEMOS

língua cortada. Tudo isso para pressionar o rebelde. A perseguição a ele prosseguia, foi capturado, humilhado, condenado ao fuzilamento. Aguarda a morte que lhe sorri “com seus dentes esqueléticos”. Segundo o narrador, “Nada deseja. Queria apenas que os fuzis falhassem na hora do fuzilamento. Como ia rir na cara desses palermas”.

O Ato

Após doença e de uma ausência razoável, o marido aguarda a esposa voltar do hospital. Cuidados e recomendações médicas para que a mulher permanecesse em repouso. No entanto, o desejo sexual os impele à prática. Ao ajudá-la a trocar de roupa, eles se desejaram. O ato transcorreu e quando concluído pelo orgasmo ele pôde notar que ela não se movia: morta. Vestiu-a, vestiu-se e chamou parentes e vizinhos para comunicar do óbito. Sentia na roupa ainda os resquícios do ato. Ocorreram velório e enterro, como de costume. Muita gente. Durante o sepultamento, mais exatamente no momento da descida do caixão, o viúvo teve uma crise de choro. Enterro encerrado, o viúvo voltou só para casa. Primeira providência: tomar banho e, enfim, tirar do corpo ‘os resíduos do ato’.

As Cartas

Sua vida dedicada aos livros e à sua amada morta – noiva que perdeu afogada. Conservava, mesmo já estando casado uma fotografia dela em sua biblioteca, e mantinha também o hábito de visitar e cuidar do túmulo de seu grande amor e falecido amor. A esposa sempre ficou magoada com isso, ainda mais porque o marido dedicava muito de seu tempo para escrever cartas à falecida Érica. O caso era sabido em toda a cidade. Aquele professor mantinha seu amor por anos a fio por uma mulher que já morrera.

Agora tanto a mulher magoada quanto o seu marido estão mortos. A filha que acompanhara o pai após a morte da mãe, está agora no escritório a remexer e procurar as cartas para saber-lhes o conteúdo. Encontra as tais cartas. Seis pacotes ao todo, classificados por ordem cronológica. O pensamento viaja. Ela rememora a mãe cuja vida foi um lamento por causa do amor dividido, por ter que se contentar com as migalhas de atenção caíam da outra. Ela, como filha, se sentira machucada muitas vezes com essa situação. Mas agora estão s três mortos. E ela curiosa, todavia as cartas começam a ‘queimar-lhe a mão’. A vontade de invadir a intimidade deu pai, mesmo depois de ele morto era grande, mas foi vencida pelo respeito à sua memória, afinal se ele

nunca havia mostrado o conteúdo a ninguém, por que ela invadiria? As cartas que antes lhe ‘queimavam as mãos’ foram queimadas de fato, sem terem sido abertas.

Arrependimento

Namoro com oposição da família dele. Ele, negro, bem de vida. Ela, branca, empregada doméstica. Ele dirigindo o caminhão do pai e vivendo cercado pelos caprichos das irmãs – feias, chatas e solteironas. Quando a moça branca sabe da oposição familiar, isso lhe atíça ainda mais para insistir nesse namoro, embora não amasse o rapaz, apenas ‘gostasse’. Arma uma trama, engravida. Fala em casamento, provoca briga com as cunhadas. Todavia, o destino lhe apronta algo, ela será surpreendida com a notícia da morte do namorado num acidente para as bandas de Minas Gerais. Como não tinha família, terá que aceitar o convite que o pai do namorado lhe faz: morar com eles, ocupar o quarto do rapaz na casa e fazer com que a criança que ela carrega no ventre tenha os devidos cuidados. O inconveniente é morar com as cunhadas insuportáveis e feias e encalhadas. A criança nascerá, será parecida com as tias feias, conforme a mãe desejava. A menina não será “sua filha”, será a sobrinha das tias, a neta da avó... ela inexistente. A menina será chata como as tias, as quais encherão a garota de mimos tornando-a menina malcriada. Mãe e filha não terão laços. Serão quase estranhas. A mãe chega a desejar mal a filha, quer que ela se pareça ainda mais com as tias. O que de fato acontece: aos vinte anos, a filha estará gorda, cabelo descuidados, negra como as tias, esperando um namorado que nunca vem, mas na mãe isso traz um sentimento contraditório e, por tudo que aconteceu desde o início, nasce arrependimento.

A Sobrinha

História de um abuso sexual de caráter incestuoso do tio em relação à sobrinha. A garota teve que, por decisão da família, ir morar com um tio – irmão de sua mãe – o Aniceto, para cuidar da esposa deste, Etelvina, a qual sofrera um derrame e ficar em total dependência dos outros, nesse caso, da jovem. O tio é um homem extremamente ensimesmado, fala muito pouco. Dirige a palavra à sobrinha em raríssimos momentos e sempre sobre assuntos da casa. A rotina do lugar é sempre previsível.

A narradora (a sobrinha) afirma no seu relato que numa das noites seu tio entrou no quarto, disse para não se assustar e começou a tocá-la no escuro, em seguida, consumando o ato sexual. Afirma, outrossim,

8

RESUMO DE ÁGUA DE CABACA – VLADIMIR SOUZA CARVALHO LEITURA OBRIGATÓRIA PSS 2 – UFS – PROF. WAGNER LEMOS

que aquilo se repetiu algumas vezes sem que no outro dia, o tio demonstrasse quaisquer sinais ou lembranças do que acontecera na noite anterior. A situação de abuso terminou por resignar a moça, que se vendo sem escapatória, inclusive com medo de ser acusada pelos parentes (em caso de alguém tomar conhecimento) de ter provocado sexualmente o tio. O desfecho veio subitamente: o tio morre em frente de casa. A jovem passou a ser curadora* da tia e receber pensão do falecido.

* Curador é todo o cidadão que tem a incumbência de tratar dos bens ou negócios daqueles que estão incapacitados de fazê-lo, como órfãos menores, toxicômanos, doentes mentais ou inválidos. (wikipedia.org)

Acerto de contas

Abandonado aos sete anos pela mãe, a qual largou do marido para viver com outro homem, o garoto teve seu destino completamente modificado. O pai, que havia sido próspero, entrou em depressão devido à traição e finou-se em pouco tempo. Depois disso, o garoto, sem ter parentes do lado materno, terá que ser criado pelos parentes do pai. Estes a contragosto recebem-no e não perdem oportunidade para humilhá-lo e vejo sempre como um estorvo. A semelhança física do menino com a mãe aumenta-lhe a quantidade de esconjuros a que é submetido. O menino cresce nessa humilhação e com o desejo de vingança contra a mãe e o vaqueiro com quem ela fugira. Sai da casa dos parentes por preferir o mundo desconhecido e perigoso a viver sob o mesmo teto com aqueles que o menosprezavam. Arrisca-se, torna-se mendigo, lavador de carro, perseguido da polícia, preso várias vezes, é usado como mulher para sobreviver... A ele incomoda ser parecido com ela, isso só lhe trouxera infelicidade: acusações de ter puxado à raça ruim da mãe e humilhações em ser usado como mulher por causa de seus traços delicados. O tempo passa e o menino vira rapaz... com ele além do desejo de vingança, um embrulho. Nele, um revólver para ser usado na vingança. O rapaz sabe os hábitos da mãe, onde mora e o que ela e o atual companheiro estão fazendo para sobreviver: vendendo e entregando leite. Até que um dia a vingança se consuma: ao se aproximar dela, ele pergunta se ela lembra do marido e do filho que abandonara, dispara três vezes contra ela e mais três contra o amante da mãe. Sai fugido, desaparece no meio da feira... e só um pensamento lhe resta “ela era mesmo bonita”...

O Retrato



Narrativa em primeira pessoa de caráter fantástico. Gumercindo se declara ser capaz de se comunicar com as pessoas que estão em fotografias. Tem um primeiro contacto ao folhear um livro de história e ouvir a voz do Marechal Deodoro da Fonseca pedindo-lhe para ler direito o trecho de sua história e os motivos de sua renúncia. Nesse instante, sem saber o que fazer nosso narrador fecha o livro. Assim acontecerá com outras pessoas fotografadas. Até que numa de suas conversas, recebe o convite de ir conhecer o mundo das fotos. Entra misteriosamente numa foto de 1917. Lá continua a conversar com a mulher que o chamara para ver seu mundo de foto... findo o diálogo. Tenta voltar – é inútil. Não há escapatória, ficará preso no mundo da imagem, torcendo para que alguém abra o álbum e o veja... antes de que as traças comam toda a fotografia.

O Parto

Este é mais um dos contos do Vladimir Carvalho que trabalha com o elemento fantástico da narrativa. O conto começa com uma descrição de ato sexual, uma moça se entrega a um homem que é seu grande amor. Contudo, percebe depois do “ato” que tudo não passara de um sonho, que mesmo vendo evidências de sexo em si, Carlito – seu chefe na repartição não passara a noite com ela. Aliás no outro mal se falariam tamanha era a distância entre eles – tudo se limitava às relações de trabalho. Entretanto, ela se descobre grávida e não entende como isso ocorrera, afinal não tinha mantido relações com ninguém exceto em seus sonhos, nos quais ela desfrutava do corpo do homem desejado. Assim como cresce a curiosidade de vizinhos e amigos sobre o pai da criança – pai nunca revelado – cresce também a barriga. Os seios intumescem, chega a hora do parto. Tudo transcorre bem. Ao acordar no quarto da maternidade, a moça espera ver o filho, saber se é menino ou menina, saber se é perfeito. Nessa ansiedade não percebe que chega um ramalhete de flores ao quarto. Desespera-se perguntando a todas às enfermeiras ou à jovem da limpeza pelo filho, mas ninguém lhe sabe informar. A falta de informações gera um ataque histérico: injeção calmante. Acordando cercada de por médico e enfermeiras, pergunta mais uma vez pelo filho, quando lhe respondem apontando para o ramalhete: “Ei-lo”.

Velhos

O amor de juventude de dois primos: Aurora e Macário foi barrado pela vida. Ele morando na capital, ela na cidade do interior. Ela teve que ceder a um

RESUMO DE ÁGUA DE CABACA – VLADIMIR SOUZA CARVALHO LEITURA OBRIGATÓRIA PSS 2 – UFS – PROF.WAGNER LEMOS

casamento arrumado pelo pai. Viveu infeliz no casamento, teve muitos filhos, mas era para o marido apenas um recipiente “de seus despejos”. Sonhava com Macário, esse seria diferente. Mas a vida não era essa, tem que se resignar. Um dia ela enviúva, Macário vem para o enterro, segura a alça do caixão. Frio, nunca se conformara com o casamento de Aurora. Mas a vida ainda lhe reserva desencontros, agora que ela é viúva, Macário é um homem casado, tem filhos e netos. Mas ele desiste de seu casamento também infeliz e vai enfrentar as línguas ferinas indo em busca de Aurora. As pessoas denigrem: ‘viúva que desfaz lares’; têm preconceito: ‘onde já se viu velho namorar?’; entre essas pessoas os filhos tanto dela quanto dele. No entanto, eles namoram, namoram como adolescentes. Apesar de já estarem na casa dos sessenta, voltam a ser adolescentes. Realizam o que o destino lhes havia traçado. Ainda viria uma surpresa: um telefonema para Aurora lhe traz fatídica notícia: Macário morreu. Com ele também morriam seus sonhos, seus desejos. Não tem dúvidas, larga o telefone em prantos e vai para a cadeira fazer crochê. Crochê e lágrimas. Uma filha ouvindo gritos de choro vai à sala. Diz Aurora:

- Cadeira de balanço... crochê... televisão... estão satisfeitas agora? Estão?...

O Pai

História narrada em terceira pessoa de um jovem decide ir embora do povoado Bom Jardim pertencente ao município de Itabaiana para tentar a vida em São Paulo. Deixa para trás mãe e pai, os quais ficaram inconformados com a partida dele. Todavia, o lamento maior vinha do pai que desejava ver o filho trabalhando com ele no sítio, dizia-se homem não dado a mudanças “não moraria nem em Itabaiana quanto mais em São Paulo”. O tempo passa e as tristezas e os lamentos do velho aumentam ao ponto de as pessoas da localidade o evitarem por tanta amargura que o pai ‘abandonado’ carrega. Notícias do filho chegam por carta, agora o rapaz progride, faz planos, trabalha “de terno e gravata”, manda fotos também e nelas aparece em passeios “com roupas diferentes”. Mas só isso, nenhuma ajuda financeira. O que faz o pai se manifestar ainda com mais ênfase sobre o tal abandono. O filho nunca voltou, nem quando a mãe morreu. Ocasão em que o pai aproveitou para fazer uma chantagem emocional na carta escrita pela professora do local “a culpa da morte da mãe era do filho”. O rapaz lamenta a morte da mãe e promete um dia voltar para rever o lugar de onde viera e “acender um vela na sepultura da mãe”.

No entanto, o retorno não acontece. As cartas foram rareando até cessarem. Por fim chega uma carta comunicando a morte do filho em um acidente. Nem isso foi suficiente para que o pai perdoasse o filho e saísse da amargura; amaldiçoava a viagem do filho pondo nela todas as culpas: “se ele não tivesse viajado estariam vivos tanto ele quanto a mãe...” é o que pensa. Amaldiçoa a aposentadoria pingada do governo e passa a ser ainda mais rejeitado no convívio social – só o dono do boteco o agüenta, pois “não poderia recusar freguês tão antigo quanto ele”. Mas uma carta mudará tudo: um comunicado de uma seguradora avisando ao pai da fortuna que tinha a receber. Nunca mais se lamentou: vendeu o sítio, arrumou noiva e montou casa em Itabaiana: “ninguém não o ouviu reclamar mais nada do filho”.

Destino

Conto em terceira pessoa sobre a inevitabilidade da morte, embora esse nome não seja citado no desenrolar da história. Chegando a sua casa, o empregado avisa ‘ela veio a sua procura’, tremeu e em disparada inicia sua fuga. Corre desesperado, sem rumo certo, quanto mais longe, melhor. Desembestou-se fugindo daquela que segundo Manuel Bandeira é a “indesejada das gentes”. Sua correria o leva a um canto distante. Cansado, pára para descansar à sombra de uma enorme pedra, respirou aliviado, fechou os olhos, mesmo tendo n’alma um restinho de medo... e ouviu “voz gélida e arrepiante” sussurrar-lhe ao ouvido:

- Estava a sua espera.

O Morcego

O morcego do título, na verdade, é uma referência ao protagonista, que estranhamente possui a capacidade de ‘sugar’ das pessoas seus conhecimentos. Percebeu isso ao se consultar com um médico, fazer os exames pedidos e retornar para que o médico verificasse sua situação, contudo o médico parece pateta, tonto, abobalhado. Em seguida, o narrador (narrativa em 1ª pessoa) pediu à atendente que trouxesse outros pacientes, atendeu-os e começou a receitar...enfim, ocupa naquele dia o lugar do médico. É processado por exercício ilegal da medicina. Vai a julgamento e em favor da acusação há muitas provas, laudos expedidos por ele, receitas assinadas etc. Durante o julgamento é inquirido pelo juiz sobre cada um dos elementos de sua acusação, responde com segurança a respeito de cada uma das receitas, exhibe raro conhecimento de medicina. Nota no juiz algumas manchas nas mãos e em outras partes do corpo,

10

RESUMO DE ÁGUA DE CABACA – VLADIMIR SOUZA CARVALHO LEITURA OBRIGATÓRIA PSS 2 – UFS – PROF. WAGNER LEMOS

começa uma consulta com o magistrado, o qual repele a idéia de ser atendido pelo protagonista. Semanas depois voltando ao fórum, encontra o juiz com a mesma fisionomia abobalhada do médico. E assim como fizera no consultório, assumiu o lugar do verdadeiro profissional. No fórum, ele conduz a audiência, ouve testemunhas, entre outras coisas. O mesmo aconteceu com o arquiteto que o protagonista contratara para reformar sua casa. Então, ele passa a entender o que estava acontecendo. Acumulou dessa forma as mais diferentes profissões. Decidiu isolar-se, passou a não falar com mais ninguém a não ser por gestos. Não quer mais causar-lhe problemas de seus 'resquícios de morcego', como ele mesmo chama.

Reação

Disputa entre escrivão e delegado por causa de menina-moça de interior. A avó da menina vai a delegacia prestar queixa sobre o furto de umas galinhas de seu sítio. Lamenta-se por não poder dar uma vida melhor à neta, pois vivem da venda de ovos na feira para comprarem 'um tiquinho de carne'. Acompanhada da neta no distrito policial, a velha chora. O delegado vendo a neta baba por ela, chega a colocar colírio nos olhos, talvez para vê-la melhor, consola a velha, diz que tudo será resolvido, mas seus olhos 'passeiam' no corpo da juvenzinha. Ele a deseja. Mas o escrivão também. Este último vence a disputa. Logo ganhou a confiança da velha e os beijos e o corpo da jovem. O delegado, descrito como homem casado, de farta barriga, larga careca e bacharel em Direito, não admite ter perdido a tentadora menina para um escrivão de interior de pouco estudo. Perseguido administrativamente o escrivão fez com que ele desse plantão nos fins de semana na delegacia. Enquanto ele, o delegado ia ao sítio, para conversar com dona Isidora, avó da menina, querendo fazer com que ela assinasse um documento denunciando o escrivão por sedução, uma vez que a menina era menor. No entanto, isso não impede que ele aproveite a presença no sítio para 'cantar' a menina, levar-lhe chocolate e outros presentinhos. Sabendo disso por meio da menina, o escrivão deseja vingança: não admite que mexam com a menina-moça 'sua'.

Com a idéia fixa de que 'não buliu com ninguém e estava quieto no seu canto', o escrivão trabalha normalmente. Até que um dia enquanto recebia declarações de um indiciado, o delegado repetiu gesto costumeiro, colocou colírio no olho – berrou, desesperou-se: estava a perder um olho. Depois se soube por um médico da capital: só solução de bateria

causaria tamanho estrago... O escrivão toma Deus por testemunha ao lembrar os fatos: eu estava quieto no meu canto.

Encontro

Texto pleno de descrições sexuais em caráter metafórico, esse conto possui também o elemento de desfecho fantástico. Um casal de amantes tem seu primeiro contacto sexual. Ele, homem já casado, experiente, ela, moça virgem terminam se apaixonando e terão em seu instante de amor clandestino no motel a celebração dessa paixão proibida. Esquecem do mundo exterior e voltam-se apenas para si mesmos. Desejam que esse tempo não passe, querem que o mundo parasse. Subitamente, pararam eles mesmos, pois "um anjo da boca mole disse amém" e como traz a história: "Muito tempo depois, o quarto foi aberto. O dono do motel ainda hoje não sabe o que fazer com as duas estátuas abraçadas..."

Gato e lagartixa

Em primeira pessoa nos é contada a fuga do personagem protagonista cujo nome nos é revelado. Está no segundo dia de perseguição e se encontra muito cansado. Seu algoz não dá tréguas... sente-se uma lagartixa que é vítima de um gato - daí o título do conto – assim como um gato brinca antes de matar a presa, assim é seu inimigo. Até que por um tiro na coxa é atingido, fica imobilizado. Desfaece. Ao acordar vê ao seu lado duas sacolas: uma com comida e outra com material para curativo. Sem opções, decide utilizar o que lhe deixaram. Seguem-se dias assim: o perseguido dorme e quando acorda encontra comida e material de curativo, até que o nosso protagonista consegue se movimentar... e assim reinicia a perseguição.

Lugar na missa

Narrativa em terceira pessoa que esboça um perfil dos preconceitos sociais em relação a uma mãe solteira. Uma jovem criada sob a repressão dos pais decide romper com o tradicionalismo, sai de casa e vai à cidade com um namorado. Este tendo obtido prazer com a moça ao descobrir a gravidez. A ela, após ser expulsa por falta de pagamento do hotel não restará nada mais do que retornar ao lugarejo interiorano. Sem dinheiro, pedirá esmola na rodoviária para ter como retornar. Consegue. De volta à casa dos pais, sentirá o peso de suas inconseqüências, devido ao preconceito vigente na cidadezinha. O pai mal a olha, a mãe a abraça e acolhe, as demais pessoas ao vê-la

RESUMO DE ÁGUA DE CABAÇA – VLADIMIR SOUZA CARVALHO LEITURA OBRIGATÓRIA PSS 2 – UFS – PROF. WAGNER LEMOS

prendem o olhar à barriga. No entanto, no meio dessas dificuldades, a maior será ir à missa: há locais marcados para velhos, homens mais novos, crianças, mulheres casadas, moças solteiras e mulheres perdidas – que, segundo as convenções locais, era o lugar adequado para a protagonista, uma vez que não era mais virgem nem casada. O domingo de missa às oito horas será seu desafio. No caminho da igreja, indo à frente dos pais, começa a sofrer a rejeição dos que passam e ignoram seu cumprimento...

Num misto de vexame e conflito interior, ela termina por sentar em um dos bancos do fundo - lugar destinado “às perdidas”. Sentindo a vergonha de ser objeto das atenções e rejeição, derramando segundas lágrimas, de cabeça baixa, sentirá mãos segurando as suas: seus pais sentaram ao seu lado.

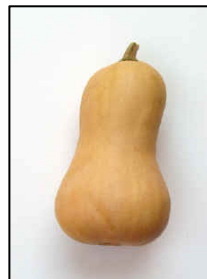
Biografia do autor:

Vladimir Souza Carvalho,

sergipano de Itabaiana, foi juiz de direito em seu Estado natal, dirigindo os destinos das comarcas de Nossa Senhora da Glória (1978) e Campo do Brito (1980), respectivamente, ingressando depois na magistratura federal, sendo titular da 2ª Vara da Seção Judiciária do Piauí (1984), de Alagoas (1985) e de Sergipe (1987), onde fincou raízes. É o decano dos juízes federais de primeira instância no Brasil, em atividade. Esteve, na condição de substituto, nos Tribunais Regionais Federais do Piauí e de Alagoas, sendo, por três biênios, membro do Tribunal Regional Eleitoral de Sergipe. Participou da primeira composição da Turma Nacional de Uniformização dos Juizados Especiais Federais, sendo o primeiro presidente da Turma Recursal dos Juizados Especiais Federais em Sergipe. Tem livros nos campos da poesia, contos, folclore e história municipal de sua terra. Vladimir Souza Carvalho, sergipano de Itabaiana, foi juiz de direito em seu Estado natal, dirigindo os destinos das comarcas de Nossa Senhora da Glória (1978) e Campo do Brito (1980), respectivamente, ingressando depois na magistratura federal, sendo titular da 2ª Vara da Seção Judiciária do Piauí (1984), de Alagoas (1985) e de Sergipe (1987), onde fincou raízes. É o decano dos juízes federais de primeira instância no Brasil, em atividade. Esteve, na condição de substituto, nos Tribunais Regionais Federais do Piauí e de Alagoas, sendo, por três biênios, membro do Tribunal Regional Eleitoral de Sergipe. Participou da primeira composição da Turma Nacional de Uniformização dos Juizados Especiais

Federais, sendo o primeiro presidente da Turma Recursal dos Juizados Especiais Federais em Sergipe. Tem livros nos campos da poesia, contos, folclore e história municipal de sua terra. (Fonte: jurua.com.br)

Nota explicativa:



CABAÇA

A Cabaça ou Porongo (*Lagenaria vulgaris*) é uma planta trepadeira, da família das Cucurbitaceae presente no norte e nordeste do Brasil, e plantada em quase todo o território português. É também chamada em algumas regiões brasileiras de cuitê ou cuitê, cabaça-amargosa, cabeça-de-

romeiro, cabaça-purunga, cabaço-amargoso, cocombro, Cuia e taquera. Destaque-se que em algumas zonas de Portugal (especialmente no Minho) utiliza-se a palavra cabaça para designar a abóbora.

O fruto da cabaça é colhido mais cedo ou mais tarde segundo o tamanho da vasilha que se queira fazer. Depois de retirado o miolo, lava-se bem e deixa-se secar. A vasilha era usada para as mais variadas finalidades e estava presente na vida cotidiana dos indígenas e seu uso foi assimilado pelos colonizadores portugueses e espanhóis. Era usada como recipiente para água e alimentos, também como vaso, entre outros usos, como para fazer um berimbau, por exemplo. No nordeste brasileiro, a cuia também é medida de capacidade para secos, que corresponde a 1/32 de um Alqueire. As regiões brasileiras que tiveram influência dos índios tupis conhecem a cabaça como cuieira e o fruto como (Ku 'ya). Até hoje a cuia é usada no sul do Brasil pelos gaúchos no hábito de tomar chimarrão, função para a qual a cuia é cuidadosamente escolhida por sua forma (a aparentar o seio de uma mulher), e depois é ricamente lavrada e ornada em ouro, prata e outros metais. Na imagística católica, o apóstolo São Tiago é apresentado com uma cabaça (seca, supostamente para transportar água) presa a um bordão: referência à vida de peregrino. (Fonte: Wikipedia – Enciclopédia Livre - wikipedia.org)

Contudo, é primordial dizer que segundo o autor: “O título, sim, o título, ÁGUA DE CABAÇA, nasceu de uma frase do compadre Luiz Carlos (Andrade), num dia qualquer da vida, embora, no livro, não se toque em água, nem em cabaça. Água de cabaça representa um líquido puro, com condições de ser

12

RESUMO DE ÁGUA DE CABACA – VLADIMIR SOUZA CARVALHO LEITURA OBRIGATÓRIA PSS 2 – UFS – PROF. WAGNER LEMOS

ingerido, apesar de não se igualar à água mineral, nem à que vem da torneira. No fundo, água, que, à míngua de outra, dá para ser utilizada por determinadas pessoas, em certas e limitadas áreas. Na falta de outro livro, a leitura destes contos pode ser recomendada. É este o sentido do título. Não sei se deu para entender. De qualquer maneira, é bom, ainda, registrar que, revelados pelo compadre, aproveitei alguns casos, com a permissão dele, como já tinha procedido no livro anterior.”

(Fonte: Editora Juruá – jurua.com.br)

Referências eletrônicas:

wagnerlemos.com.br; jurua.com.br; wikipedia.org

Sergipanidade

Tobias Barreto

Tobias Barreto de Menezes, poeta, jurista e filósofo, nasceu a 07 de junho de 1839 em Campos do Rio Real, atual Tobias Barreto, em Sergipe e faleceu a 26 de junho de 1889, no Recife, Pernambuco, onde se tornara o chefe da Escola do Recife, na Faculdade de Direito daquela cidade. De 1871 a 1881, o fundador do condoreirismo brasileiro e chefe da Escola do Recife, mais importante movimento intelectual da segunda metade do século XIX, passou em Escada, Pernambuco, onde possuía uma tipografia com a qual editava periódicos, como o que redigia em alemão, DEUSTCHER KAMPFER (O Lutador Alemão).

Foi nesse período da vida do sergipano em que ele se aproximou da filosofia, cultura e língua alemãs, tendo sido autodidata nesse idioma, como na maioria dos outros oito que falava. De Escada, Tobias só saiu para o Recife após ter tido sua casa cercada pelos capangas dos herdeiros de seu sogro ameaçando-o de morte por ter o poeta alforriado todos os escravos que pertenciam ao morto e que correspondiam à sua parcela da herança, como representante de sua esposa. Em 1882, o "mestiço de Sergipe", como ele mesmo se declarava prestou o concurso para professor da Faculdade de Direito do Recife. Classificou-se em primeiro lugar e adentrou à Academia por pressão dos alunos, que apaixonados pela retórica do "mulato desgracioso"- assim descreveria Graça Aranha, que foi aluno de Tobias e estava dentre esses alunos - em seu livro MEU PRÓPRIO ROMANCE , forçaram a congregação a admiti-lo, haja vista que esta punha obstáculos à contratação de Tobias, pelo fato de ele ser negro.

Na Faculdade, Tobias foi o mais popular e polêmico dos mestres. Seu *modus magistrandi** tornaram-no o mais amado mestre dentre os alunos, bem como seu

espírito dado a polêmicas e discussões e sua cor o mais questionado e discriminado dentre aqueles que já tinham ensinado naquela instituição. Dos sete anos que lhe restavam após a sua admissão na faculdade, ministrou aulas mais efetivamente nos primeiros cinco anos, nos dois últimos a doença já o impedia de comparecer com frequência às aulas.

Em 26 de junho de 1889, morreu Tobias deixando seu nome marcado na filosofia e romantismo brasileiros. Como diria Graça Aranha no mesmo livro já citado: VOLTAR A TOBIAS É PROGREDIR.

**Modus magistrandi*: modo de ensino

OBRA POÉTICA: Dias e Noites. DEMAIS OBRAS: Estudos Alemães; Monografias em Alemão; Crítica Literária; Crítica da Religião; entre outras.

WagnerLemos
.com.br

O seu portal de Literatura



WagnerLemos
.com.br

O seu portal de Literatura